



BEM-VINDOS

O número 4 da Revista da Universidade de Lisboa é quase integralmente dedicado aos estudantes. Damos as boas-vindas aos que chegam e damos as boas-vindas a todos aqueles que regressam.

Conversámos com alguns dos que por cá passaram, que, nessas conversas, nos dão conta das suas experiências de então e de muito do que se lhes seguiu. Iremos continuar a falar com os nossos antigos alunos, e prosseguir com o privilégio de conhecer muitas dessas experiências.

Conversámos com estudantes de licenciatura e estudantes de mestrado integrado, com estudantes de doutoramento e estudantes de mestrado.

Conversámos com estudantes Erasmus, soubemos deles o que a Universidade e a cidade lhes deram, e percebemos melhor o muito que nos trouxeram.

Todos eles nos concederam parte do seu tempo, e descreveram, genericamente e por vezes em detalhe, a experiência que tiveram em uma das nossas dezoito escolas. A vitalidade e o interesse do que em todas elas fazemos são inegáveis. Muito do melhor que do futuro do país é possível antever aqui se encontra manifesto. Os resultados das colocações no concurso nacional de acesso são, em 2017, na Universidade de Lisboa, os melhores resultados globais de sempre. Este excelente resultado do trabalho que a Universidade tem feito irá decerto intensificar-se. Os estudantes da Universidade de Lisboa são a melhor garantia disso. •

ÍNDICE



1 **Editorial**

2 **Índice**

Notícias

3 Aconteceu

6 Vai acontecer

4 Coisas

7 Leonor Beleza

Estudar

8 Licenciatura

15 Mestrado

18 Doutoramento

22 Erasmus

E assim sucessivamente

24 Ana Bacalhau

26 Pedro Gil Ferreira

28 Teodora Cardoso

30 Pedro Cabrita Reis

FICHA TÉCNICA

Edição e propriedade: **Universidade de Lisboa** · Área de Arquivo, Documentação e Publicações

Diretor: **António M. Feijó** | Coordenação executiva e produção: **Ana Silva Rigueiro**

Redação e comunicação: **Ana Cláudia Santos** e **Helena Carneiro**

Fotografias: **Duarte Pinheiro**, **José Furtado**, **Tiago Carvalho**

Foto de capa: **José Furtado**

Foto de contracapa: Comunicado da Pró-Associação de Estudantes Liceais. Reproduzido em *100 Dias que Abalaram o Regime – A Crise Académica de 1962*, de Artur Pinto (coordenação), Lisboa, Tinta-da-China, 2012.

Design: **A Bunch of Susans**

Periodicidade: **março, maio, outubro e dezembro** | Assinaturas e distribuição: imprensa@reitoria.ulisboa.pt

Impressão: ARTIPOL - Artes Tipográficas, Lda. | www.artipol.net | Tiragem: **10.000 exemplares**

Depósito legal: **418564/16** | ISSN: **2183-8844**

Contactos gerais: **Imprensa da Universidade de Lisboa**

Alameda da Universidade · Cidade Universitária · 1649-004 Lisboa · Portugal

Tel.: +351 217 904 750 - Ext. 19 750 | E-mail: imprensa@reitoria.ulisboa.pt

Distribuição Gratuita

IUI
IMPRESA
DA UNIVERSIDADE
DE LISBOA

© FADU / U lisboa



Medalha de ouro para aluno da Faculdade de Medicina

Francisco Belo, de 26 anos, conquistou a 23 de agosto a medalha de ouro no lançamento do peso nas Universiadas de Verão, em Taipé. O finalista da Faculdade de Medicina, e atleta do Benfica, foi um dos cinco atletas portugueses vencedores de medalhas nesta edição da competição. Atual campeão nacional de lançamento do disco, Francisco Belo alcançou um novo recorde pessoal no lançamento do peso – 20,86m –, superando a marca de 20,52m que lhe deu o bronze na Taça da Europa de Lançamentos, em março deste ano. Já a recordista nacional de salto com vara em pista coberta, Marta Onofre, aluna da Faculdade de Medicina e atleta do Sporting, obteve a medalha de bronze, alcançando o seu recorde pessoal ao ar livre, com um salto de 4,40m.

© Egídio Santos / U Porto



Dia do Microrganismo

Decorreu a 17 de setembro, no Pavilhão do Conhecimento, o evento organizado pela Sociedade Portuguesa de Microbiologia, a Ordem dos Biólogos, a Agência Ciência Viva e a UNESCO, que teve como objetivo chamar a atenção para a importância dos microrganismos no dia-a-dia, tendo contado com atividades especialmente pensadas para as famílias. A proposta de um dia dedicado ao microrganismo foi desenvolvida no cE3c (Centre for Ecology, Evolution and Environmental Changes), da Faculdade de Ciências, através das Professoras Cristina Cruz e Maria Amélia Martins-Loução, e tem o alto patrocínio da Comissão Nacional da UNESCO e o apoio da SPECO (Sociedade Portuguesa de Ecologia). A data escolhida corresponde ao dia em que Anton van Leeuwenhoek, em 1683, enviou à Royal Society de Londres uma carta com a primeira descrição de um microrganismo. Ao evento associou-se ainda o Instituto Superior Técnico, através do Grupo de Ciências Biológicas do Departamento de Bioengenharia.



Prémio Universidade de Lisboa 2017

A imunologista Maria de Sousa recebeu, a 26 de maio, o Prémio Universidade de Lisboa 2017, por ser «uma das primeiras mulheres portuguesas a ser reconhecida internacionalmente pelas suas descobertas científicas», tendo contribuído «de forma notável para o progresso da Ciência e para a projeção de Portugal no Mundo», como se lê na deliberação do júri. Formada na Faculdade de Medicina em 1963, Maria de Sousa esteve, entre 1964 e 1966, nos Laboratórios de Biologia Experimental em Mill

Projetar a Cidade com a Comunidade Congresso Internacional



© Faculdade de Arquitetura / U lisboa

A 8 e 9 de junho teve lugar na Faculdade de Arquitetura este evento subordinado ao tema da participação na Arquitetura, Urbanismo e Design, e a sua importância na definição das práticas e mecanismos de políticas e na gestão urbana. A iniciativa resultou do trabalho do Grupo Interdisciplinar de Estudos Urbanos (GEU) e de dois *workshops* promovidos em abril e maio, sendo organizada pela Faculdade de Arquitetura, o Centro de Investigação em Arquitetura, Urbanismo e Design (CIAUD), a Junta de Freguesia de Carnide, a Fundação para a Ciência e a Tecnologia e a Associação Portuguesa da Cor. Participaram mais de 150 pessoas, entre as quais Nuno Portas e Helena Roseta, que encerrou o congresso. Este incluiu ainda o lançamento do livro *Architecture and the Social Sciences*, e a apresentação de projetos em Lisboa por cinco coletivos de arquitetura, urbanismo e *design*, e do grupo GEU.

Centro de investigação do ISCSP contribui para alteração de lei

O Centro Interdisciplinar de Estudos de Género (CIEG), do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (ISCSP), desenvolveu em 2015 o estudo *Assédio sexual e moral no local de trabalho*. Financiado pelo EEA Grants e promovido pela Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género e pela Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego, o estudo, coordenado pela Prof.^a Anália Torres, do ISCSP, mostrou que Portugal vive ainda uma situação problemática no que diz respeito ao assédio sexual e moral no local de trabalho, e que os autores do assédio, quer sobre mulheres quer sobre homens, são sobretudo homens e/ou superiores hierárquicos. No seguimento da publicação do estudo, foi aprovado, na Assembleia da República, o diploma segundo o qual a prática de assédio no emprego passa a ser proibida por lei, conferindo à vítima o direito a uma indemnização e a rescindir o contrato de trabalho por justa causa quando o assédio é feito pela entidade empregadora; as empresas, por sua vez, estão impedidas de despedir um trabalhador que tenha sido vítima de assédio até um ano desde a apresentação da queixa. Dado o impacto do estudo, o CIEG esteve entre as entidades ouvidas na Assembleia da República, contribuindo decisivamente para a mudança da lei.

© Pedro Namorado Borges



Dulce Freire ganha Bolsa ERC Instituto de Ciências Sociais (ICS)

Com o projecto «ReSEED – Rescuing the seeds’ heritage: engaging in a new framework of agriculture and innovation since the 18th century», a investigadora auxiliar do ICS recebeu uma *Starting Grant* do European Research Council (ERC) no valor de 1,5 milhões de euros. É a quarta vez que o ICS recebe um financiamento desta instituição europeia. O projeto pretende perceber como as sementes trazidas de novos locais se disseminaram pela Península Ibérica e avaliar os impactos que tiveram nas agriculturas e culinárias regionais. A pesquisa cruza História, Geografia, Biologia e Agronomia. Serão estudados herbários, livros de Botânica, memórias e correspondência ainda pouco explorados, possibilitando a construção de mapas digitais que mostrem as mudanças na geografia de distribuição dos produtos agrícolas. Dulce Freire é co-editora de *An Agrarian History of Portugal, 1000-2000: Economic Development on the European Frontier* (Brill Academic Publishers, 2017), a primeira síntese da história da agricultura portuguesa.

5th International Tsunami Field Symposium

Entre 3 e 7 de setembro decorreu o simpósio internacional dedicado ao estudo das evidências geológicas de *tsunamis*. Organizado pelo Instituto Dom Luiz e pelo Departamento de Geologia da Faculdade de Ciências, o evento contou com 75 pessoas de 18 nacionalidades, com destaque para os oradores convidados Alastair Dawson e Raphael Paris. Foram realizadas saídas de campo ao litoral da Grande Lisboa e ao Algarve, de modo a observar os sedimentos deixados pelo *tsunami* de 1755. Segundo Pedro J.M. Costa, professor do Departamento de Geologia e investigador do Instituto Dom Luiz, «alguns dos depósitos de *tsunami* existentes em Portugal são casos de estudo importantíssimos no contexto europeu».

Análise da estratigrafia, numa trincheira escavada numa zona aluvionar. Imagem captada em Vila do Bispo, no Algarve



© DG Ciências ULisboa / IDL / MCF

© 2017 José Furtado



Leonor Beleza, Marcelo Rebelo de Sousa e António Cruz Serra

António Cruz Serra reeleito Reitor da ULisboa

Teve lugar, a 20 de Setembro, a tomada de posse do Reitor da Universidade de Lisboa, António Cruz Serra, na sequência da sua eleição no passado 11 de julho, pelos membros do Conselho Geral. Numa Aula Magna lotada, que acolheu também a sessão solene de abertura do ano académico 2017/2018, a cerimónia contou com a presença do Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, e da Presidente do Conselho Geral da ULisboa, Leonor Beleza. Foi anunciada a composição da nova equipa reitoral, tendo sido nomeados como vice-reitores os professores José Manuel Pinto Paixão, Luís Manuel dos Anjos Ferreira, António Maria Maciel de Castro Feijó, João Manuel Pardal Barreiros, Maria Isabel de Sousa Rocha e Eduardo Manuel Baptista Ribeiro Pereira; como pró-reitores, foram nomeados os professores Carlos Nuno da Cruz Ribeiro, Maria Dulce Pedroso Domingos e Vítor Manuel Azevedo Leitão. Declarando «a ambição de construir uma universidade mais reconhecida e relevante em Portugal e no mundo», o Reitor retomou alguns dos tópicos anunciados a 3 de julho, na audição pública em que apresentou o plano de trabalhos para os próximos

quatro anos, nomeadamente a construção de residências universitárias. António Cruz Serra anunciou que a residência do Polo da Ajuda alojará, em 2018, 180 estudantes, e que está em fase final de licenciamento uma residência na Cidade Universitária, com capacidade para 150 estudantes. O projeto mais ambicioso, no entanto, é a construção de uma residência para 800 estudantes junto à Biblioteca Nacional, que deverá estar concluída antes do final deste mandato. O Reitor referiu o apoio a estudantes de doutoramento através da atribuição de 160 bolsas de estudo financiadas pela Universidade, a contratação de cerca de 300 novos docentes nos últimos dois anos – dos quais cerca de um terço em início de carreira, assumindo a importância do rejuvenescimento do corpo docente da instituição –, e a incubadora do novo Complexo Interdisciplinar na Cidade Universitária, de fomento à investigação. A precariedade laboral dos doutorados e a não renovação do corpo docente e de trabalhadores técnicos e administrativos foram dois dos problemas que mais destaque mereceram do Reitor na sua intervenção.

Biblioteca de Estudos Humanísticos Professor Doutor Pina Martins

A 13 de setembro foi assinado entre o Novo Banco e a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FLUL) um protocolo respeitante à Biblioteca de Estudos Humanísticos do Prof. José Vitorino de Pina Martins, adquirida pelo Novo Banco, então BES, em 2008. Os 1.100 livros antigos que a constituem estão agora depositados na Biblioteca da FLUL. A cerimónia contou com a presença do Ministro da Cultura, Dr. Luís Filipe Castro Mendes, do administrador do Novo Banco, Dr. António Ramalho, do diretor da FLUL, Prof. Paulo Farmhouse Alberto, e do diretor da Biblioteca da FLUL, Prof. José Pedro Serra. Do acervo fazem parte obras de Dante, Petrarca, Pico della Mirandola, Marsílio Ficino, Erasmo de Roterdão e Thomas More. Inclui uma primeira edição de *Os Lusíadas*, de 1613, e das *Obras Completas* de Sá de Miranda, de 1585. O Prof. José Pedro Serra afirmou que a Biblioteca está a preparar iniciativas para promover o estudo e a divulgação do espólio. José Vitorino de Pina Martins estudou Filologia Clássica e Românica na Universidade de Coimbra, foi professor de Língua e Literatura Portuguesas na Universidade de Roma, na Universidade de Poitiers, e na FLUL. Foi ainda diretor da Fundação Calouste Gulbenkian no Centro Cultural Português em Paris, e presidente da Academia das Ciências.



© Divisão de Relações Externas / FLUL



Erasmus’30

A Representação da Comissão Europeia em Portugal organiza a 20 de outubro um evento comemorativo dos 30 anos do programa Erasmus, no Caleidoscópio. Contará com a apresentação do relatório «Erasmus’30 – A História do Programa e a Participação dos Estudantes Portugueses», onde constam as várias etapas e os dados relativos à evolução do Erasmus em Portugal, a que se seguirá uma atividade celebrativa no Estádio Universitário de Lisboa.

O que começou por ser, em 1987, um pequeno programa de mobilidade para estudantes do ensino superior, com a participação de 3.200 estudantes no seu primeiro ano, transformou-se, nos últimos 30 anos, num programa que beneficia quase 300.000 estudantes do ensino superior por ano. Para Sofia Colares Alves, chefe da Representação da Comissão Europeia em Portugal, «o Erasmus é uma das grandes histórias de sucesso da União Europeia», porque «criou oportunidades e abriu horizontes a várias gerações de estudantes».



Vacinação Congresso Anual

O Congresso Anual da Associação dos Estudantes da Faculdade de Farmácia decorrerá nos dias 17 e 18 de novembro, no auditório da Faculdade de Farmácia, este ano dedicado ao tema «Vacinação». Serão abordados tópicos como: o que são as vacinas, os seus principais constituintes, a sua produção laboratorial e industrial, as diversas vias de administração, novas tecnologias e a confirmação da segurança e eficácia das mesmas. Será debatido o Programa Nacional de Vacinação, as diferentes campanhas de vacinação e o movimento anti-vacinas.



© AEEFUL

Fundo «Alumni Solidário»

A renovada Associação de *Alumni* da Universidade de Lisboa (ULisboa *Alumni*) criou um fundo de solidariedade para apoiar alunos carenciados. O fundo será alimentado pelas quotas dos sócios, ou por receitas. A quota é de 20€ anuais e traz benefícios aos associados: desconto no acesso ao Estádio Universitário e às Piscinas; envio grátis da Revista da Universidade de Lisboa; acesso com desconto ou grátis a todas as atividades

des que a ULisboa *Alumni* venha a desenvolver. A ULisboa *Alumni* é uma associação sem fins lucrativos que pretende funcionar como uma plataforma de convívio e de permuta de ideias entre as diferentes gerações de antigos alunos.

Inscrição na Associação e mais informações: www.ulisboa.pt/info/associacoes-de-alumni-da-ulisboa.

Dia das Belas-Artes

Criada no dia 25 de outubro de 1836, por decreto da Rainha D. Maria II, a Faculdade de Belas-Artes (FBAUL) comemora o Dia das Belas-Artes ao longo de todo o mês de outubro. Haverá exposições, sessões de curtas e longas-metragens, visitas guiadas ao Convento de S. Francisco e aos acervos de Pintura, Gravura, Escultura e Desenho. Será apresentado pelo 2.º ano consecutivo o projeto de *crowdfunding* «Apoie o Res-

tauro», com as obras já restauradas da 1.ª edição e três novas obras propostas para restauro. Será também inaugurada no dia 26 de outubro a exposição da 2.ª edição do «Prémio Paula Rego» na Casa das Histórias, em Cascais, com obras de alunos da FBAUL selecionadas pela artista. A Faculdade estará aberta no fim de semana de 28 e 29 de outubro, apresentando *ateliers* abertos com trabalhos de alunos.

4 COISAS

Leonor Beleza

Presidente do Conselho Geral da Universidade de Lisboa

© Rosa Reis



Capela do Senhor da Pedra

Situa-se na praia de Miramar, onde eu passava o verão durante os anos de infância e a juventude. Representa a minha Mãe, a minha ligação ao Porto, onde nasci, e as minhas raízes.



Simone Weil

É uma grande senhora, em quem vejo a paz, a tolerância, a ética, a Europa em que acredito, e o exercício do poder por parte das mulheres.



Reforma do Código Civil de 1977

O Decreto-Lei n.º 496/77, que introduz alterações ao Código Civil para o ajustar à nossa Constituição, consagra a igualdade jurídica para as mulheres. Eu era a miúda num conjunto de sábios, dirigido pela Prof.ª Isabel Magalhães Colaço, tendo-me sido confiadas as ações de divulgação pública dessa reforma.



O Ministério da Felicidade Suprema, de Arundhati Roy

É um livro fascinante, que ainda só li uma vez. Como a autora diz que é preciso lê-lo quatro vezes, presumo estar ainda longe de compreender as complexidades da Índia, no contexto do drama de Caxemira.

U
LISBOA

PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

O Serviço de Pesquisa da ULisboa é uma ferramenta que permite, através de um único ponto de acesso, a pesquisa de todos os recursos bibliográficos da ULisboa e das suas Escolas.

www.ulisboa.pt/bibliotecas

50.000
TÍTULOS EM TEXTO INTEGRAL

1.200.000
REGISTOS BIBLIOGRÁFICOS

30.000
DOCUMENTOS NO REPOSITÓRIO DA ULISBOA

320.000.000
ARTIGOS DE JORNAIS

64.000
REVISTAS

400.000
ATAS DE CONFERÊNCIAS

1.000.000
CDs E DVDs



ES TUD AR

Conversámos com estudantes de todas as Escolas.

Incluímos o testemunho de dezoito alunos que escolheram a Universidade de Lisboa para realizar a licenciatura, o mestrado ou o doutoramento.

Ouvimos dois estudantes Erasmus que fizeram em Lisboa parte do seu curso, tendo partido a pensar no regresso.

LI
CEN
CIATU
RA

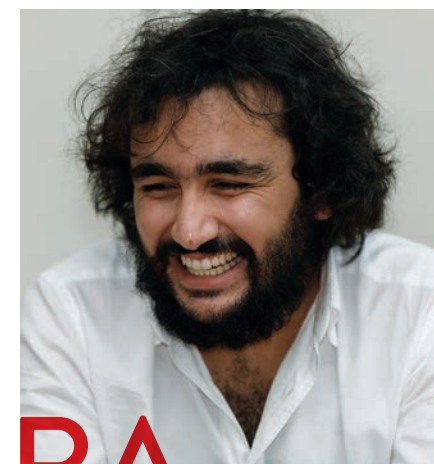
© Serviços de Ação Social da Universidade de Lisboa

PESSOAS

9

ESTUDAR

Estudante do 5.º ano do mestrado integrado em Medicina, na Faculdade de Medicina. Foi presidente da Associação de Estudantes, tem 22 anos, e é de Santarém.



© 2017 José Furtado

RA-
FAEL
INÁ-
CIO

Sala «Aquário» da Cantina Velha da Universidade de Lisboa

« Não escolhi Medicina por qualquer motivo especial. Era um miúdo de 18 anos, com muitos interesses e uma boa média. No final do 1.º ano do curso, percebi que era o que queria fazer. A experiência do curso tem sido tranquila, não o considero particularmente difícil ou exigente. É preciso disciplina e espírito de sacrifício, mas tenho aprendido muito.

Uma das mais-valias é o 6.º ano, em que estagiamos em Medicina Interna, Cirurgia, Pediatria, Ginecologia, Medicina Geral – as “rotações”. Temos doentes nossos, sempre com supervisão, e as aulas práticas são dadas por médicos. Há os professores de sala de aula e os professores de enfermaria. Em Medicina aprende-se muito ao ver outros fazer.

«Quando entramos na faculdade escolhemos um curso, mas depois os interesses mudam e surgem novas ideias.»

Já fiz um intercâmbio na Polónia, e estive há dois anos em Moçambique, numa associação de cuidados de saúde.

A fusão permitiu uma maior oferta: com o programa de mobilidade interna da ULisboa, qualquer aluno pode fazer uma cadeira em qualquer Escola. Quando entramos na faculdade escolhemos um curso, mas depois os interesses mudam e surgem novas ideias. Gostava de fazer uma cadeira em Gestão, no Instituto Superior de Economia e Gestão (ISEG).

Esta vontade é fruto do meu percurso na Associação de Estudantes e de outras coisas que fui fazendo e vendo. A gestão em saúde pública é algo que me interessa muito. »



© 2017 José Furtado

NA- TÁLIA COS- TA

Estudante do 4.º ano do mestrado integrado em Medicina Dentária, na Faculdade de Medicina Dentária. É presidente da Associação Académica, tem 22 anos, e é de Braga.

« No 9.º ano, estava indecisa entre Letras e Ciências. Optei pelas Ciências, e depois percebi que a Medicina era a área de que gostava mais, mas não consegui entrar. Hoje não me arrependo. Os dois anos iniciais são teóricos, com cadeiras em comum com Medicina. No ano pré-clínico, começamos a usar fantomas – bonecos de borracha: trabalhamos em dentes de plástico, não vamos diretamente para a boca do paciente. [Risos] Formamos duplas e fazemos observação nos colegas, que acabam por ser os nossos primeiros pacientes. A Faculdade tem uma clínica aberta ao público, com atendimento feito por estudantes, sempre com supervisão. É nesta altura que “pomos as mãos na massa”. Deparamo-nos com uma grande variedade de casos, o que nos dá uma boa formação para o mercado de trabalho. Somos a Escola com o menor número de alunos: 607. Há dois anos ficámos concentrados num só edifício, mas não foi mau, porque se criou uma sinergia entre cursos que antes não existia. A fusão das duas universidades permitiu um maior contacto entre os alunos. É importante não nos cingirmos à nossa área e perceber o que se passa nas outras, para nos enriquecermos. Vou fazer Erasmus no 1.º semestre de 2017/18, na Universidade de Cagliari, na Sardenha. A Faculdade também tem protocolo com o Instituto Karolinska, em Estocolmo, uma instituição internacionalmente muito bem cotada. »

Estudante do mestrado integrado em Medicina Veterinária, na Faculdade de Medicina Veterinária. Foi vice-presidente da Comissão de Finalistas, tem 23 anos, e é da Costa da Caparica.

ANA VÍ- TOR



© 2017 José Furtado



© 2017 José Furtado

Estudante do 3.º ano da licenciatura em Engenharia Agronómica, no Instituto Superior de Agronomia. Tem 22 anos e é da Azambuja.

« Cresci no meio agrícola, e cedo percebi que era disto que gostava. Veterinária chegou a ser uma hipótese, mas a minha primeira opção foi sempre Agronomia. A minha opinião do curso mudou ao longo do tempo. Os primeiros anos são de âmbito geral, com Física, Matemática, Química. Isso assusta os alunos, que querem estudar Agronomia e ir para o campo. Contudo, fui tomando consciência da importância desse início. A base teórica dá-nos agilidade e capacidade para resolver problemas. Alguns profissionais dizem que, se pudessem, contratariam apenas alunos do ISA. Sei-o porque temos contacto com profissionais da área e colegas de outras universidades. Organizámos pela segunda vez uma grande atividade para alunos de cursos relacionados com a agricultura, a nível nacional – as 24H de Agricultura. A partir do 2.º ano, há disciplinas mais ligadas à agricultura e saídas de campo: já fomos para o Alentejo, o Oeste, o Ribatejo. Gostaria de estar no campo, fazer a gestão de explorações agrícolas, da produção à gestão. Tenho oportunidade de trabalhar nos projetos de família, mas primeiro quero ir para outros sítios, ver outras coisas, ganhar experiência. Vou fazer mestrado em Engenharia Agronómica, e, no final, pretendo ir um ano para fora – Chile, Califórnia, Itália, ou Espanha –, ver o que fazem de diferente e trazer para Portugal. »

« Cheguei ao final do secundário com dúvidas acerca de que curso escolher. Tinha uma média relativamente boa, o que pode dificultar quando se gosta de muita coisa. As pessoas vêem a Medicina Veterinária como clínica de pequenos animais, mas esquecem-se de todo um leque relacionado com segurança alimentar, saúde pública, clínica de grandes animais. Irei fazer o estágio e a dissertação de mestrado na área da produção animal e inspeção sanitária. Uma parte será em Beja, na ACOS [Associação de Agricultores do Sul], na caracterização de sistemas de produção de ovinos da região. A outra parte será na DGAV [Direção-Geral de Alimentação e Veterinária], em inspeção sanitária. Gostava de conjugar as duas coisas. São áreas pouco atrativas para muitos estudantes de Veterinária, e que necessitam de investimento por parte das novas gerações. No hospital escolar de pequenos animais, temos aulas práticas e assistimos a consultas. No caso dos grandes animais, somos prejudicados em número de aulas, porque é difícil sair muitas vezes de Lisboa com grupos grandes de alunos – somos mais de 100 por ano. Gostava de completar o curso em Lisboa e de ir para fora depois, para a Nova Zelândia ou a Irlanda. Somos incentivados a procurar oportunidades, a cultivarmos a relação com os professores e profissionais da área. »



INÊS PÁS- SARO

Completou a licenciatura em
Ciências do Desporto na
Faculdade de Motricidade Humana.
Tem 21 anos e é de Cascais

« O meu percurso escolar foi em Ciências. Na candidatura para o ensino superior, estive indecisa. À última hora, decidi ir para Desporto, e a Faculdade de Motricidade Humana foi a minha primeira opção. O meu pai já tinha frequentado o curso e tinha ótimas referências. No primeiro ano, pensei: «Acertei». Adoro desporto, e na faculdade há um bom equilíbrio entre a prática e a teoria. Tínhamos aulas de Anatomia e Fisiologia, e os professores de Atletismo e de Básquete chamavam-nos a atenção para pormenores já referidos nas disciplinas teóricas. Um dos motivos que me levou a escolher a Faculdade de Motricidade Humana foi a grande oferta ao nível dos laboratórios. Através dos professores, os estudantes podem ter contacto direto com laboratórios e estar a par das mais recentes investigações. Temos professores com muita experiência – grandes nomes, como o Prof. Carlos Neto – e professores que acabaram de se formar. Somos também privilegiados por estarmos tão próximos do Complexo Desportivo do Jamor. Temos à nossa disposição a tecnologia e os espaços desportivos de ponta. As nossas aulas práticas são no Complexo, mesmo ao lado do Nelson Évora! »



PE- DRO PE- REIRA

Completou o 1.º ciclo da licenciatura
em Engenharia Biológica, no
Instituto Superior Técnico. Tem 21
anos e é de Lisboa.

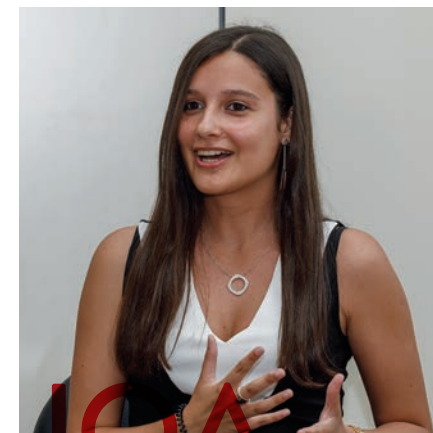
« Este curso tem cerca de vinte anos. Começou por ser um ramo de Engenharia Química e, posteriormente, da Biotecnologia. Soube da sua existência na escola secundária, através do Núcleo de Apoio ao Estudante (NAPE), que tem um programa de divulgação do Técnico junto das escolas. É um evento organizado com a Inspiring Future, uma associação que divulga a oferta formativa das universidades aos alunos do secundário. Uma das coisas que mais me motiva agora é poder participar nessa divulgação com o NAPE, no Programa Embaixadores do Técnico.

Estudar no Técnico é trabalhoso, mas é exequível. Tentamos não sobrepor avaliações e equilibrar o calendário dos exames. Há essa preocupação ao nível dos órgãos de gestão, dos departamentos, dos coordenadores dos cursos e dos delegados. O delegado representa o seu ano em todas as situações, desde a marcação de exames à mediação da comunicação. Há delegados por ano e por curso. Além de delegado de 3.º ano e de licenciatura do meu curso, faço parte também do Conselho Pedagógico do Técnico. Amigos e família costumam chamar-me «burocrata». [Risos]

Quando estamos motivados, fazemos tudo de modo mais eficiente. Envolver-me com a estrutura do Técnico enquanto delegado deu-me experiência nas mais diversas coisas, desde a gestão de conflitos a saber escrever um email. »

Finalizou a licenciatura
em Direito, na Faculdade
de Direito. Tem 23 anos e
é de Almada.

« Antes de vir para Direito, estive em Ciências Farmacêuticas, na Faculdade de Farmácia da ULisboa, porque por duas décimas não entrei em Medicina. No segundo ano do curso, pensei em voltar a tentar Medicina, mas achei que faria mais sentido ir para a área para a qual senti sempre ter mais vocação. Escolhi Direito por achar que era o curso que poderia abrir mais portas, e a ULisboa pelas boas referências que tinha. As pessoas não têm a noção da quantidade de coisas que se pode fazer com este curso! Depois de entrar, percebi de imediato que estava no sítio certo. É um curso um pouco frustrante para quem está habituado a notas altas. Percebe-se porquê, olhando para um teste de Direito: há sempre mais uma opinião, um autor, uma interpretação. Mas tem havido uma tentativa de mudança desse paradigma. Direito não é um curso muito difícil, mas é muito trabalhoso. Estudo todos os dias. Não estou de acordo com aquela teoria de que a faculdade é a melhor altura da nossa vida... [Risos] Se queremos ir um pouco mais além e alcançar outro tipo de coisas, temos de trabalhar. Sou estagiária na Vieira de Almeida Sociedade de Advogados, e vou começar a trabalhar na área das patentes farmacêuticas. [Risos] Gostava de tirar o mestrado e o doutoramento, e talvez poder dar aulas um dia. »



JOA- NA BA- RATA



© 2017 José Furtado

TIAGO SILVA

Completou recentemente a licenciatura em Artes e Humanidades e acaba de iniciar o mestrado em Teoria da Literatura, na Faculdade de Letras. Tem 21 anos e é de Lisboa.

« Não tive indecisões no momento da escolha do curso. Já no secundário era avesso a uma visão instrumental ou pragmática do conhecimento. Artes e Humanidades pareceu-me interessante por dar acesso às várias Letras. Nunca encarei a universidade como um sítio onde se vai para seguir uma determinada carreira, mas sim para adquirir conhecimento sério. No 2.º ano, candidatei-me com uma colega ao Conselho de Escola e formámos uma lista, que se candidatou também ao Conselho Pedagógico. Foi importante para mim poder devolver algo à comunidade.

O curso permitiu-me ter outras oportunidades ligadas à Universidade, mas fora das aulas. Organizei na primavera um ciclo de cinema na Reitoria, «As Imagens Reencontradas». No fim do *major* em Artes do Espetáculo, optei por um estágio curricular. Contactei a Reitoria, com quem já tinha colaborado no festival de cinema «Signes de Nuit». Não escolhi um tema, interessava-me simplesmente ter pessoas afiliadas à Universidade, e não só, a falarem sobre os filmes das suas vidas.

No seguimento do ciclo, estive em agosto na Polónia, numa iniciativa da European Film Academy, «A Sunday in the Country», integrada no festival de cinema «New Horizons», em que jovens críticos e programadores assistem a filmes, conhecem realizadores e falam sobre cinema ao longo de alguns dias. »

© Serviços de Ação Social da Universidade de Lisboa



Salão principal da Cantina Velha da Universidade de Lisboa

MES
TRA
DO



© 2017 José Furtado

GUILLERMO RAMÍREZ

Frequenta o mestrado em Didática da Matemática, no Instituto de Educação. Está em Lisboa há cerca de dois anos com uma bolsa da Universidade de Costa Rica, onde se licenciou em Matemática. Tem 28 anos e é da Costa Rica.

« Vim para a ULisboa com uma bolsa da Universidade de Costa Rica para professores recém-licenciados. Em parte, escolhi Portugal porque queria aprender uma língua além do espanhol e do inglês. Um amigo que já tinha estado cá falou-me do curso e pôs-me em contacto com o diretor do Instituto, o Prof. João Pedro da Ponte.

O meu projeto é composto por duas partes: um estudo exploratório, numa turma portuguesa; e um estudo principal, numa turma costa-riquenha. Fiz já estudo de campo, numa escola em Lisboa, nos Olivais, e estou neste momento a redigir a dissertação de mestrado. Vou fazer o doutoramento também na ULisboa, em Didática da Matemática, porque a minha bolsa é um contrato de cinco anos, que prevê fazer o mestrado e o doutoramento nesse tempo. Por cada ano de estudos aqui, tenho de dar três anos de serviço à minha universidade.

Em Portugal, tenho aprendido a ensinar utilizando outros meios. O meu projeto está centrado na tecnologia aplicada ao ensino da Matemática. Tive também a experiência de participar em encontros internacionais. Em fevereiro, participei num encontro do CERME (Congress of European Research in Mathematics Education), na Irlanda; e, em julho, estive cinco dias em Espanha para um encontro do CIBEM (Congresso Ibero-Americano de Educação Matemática). »



© 2017 José Furtado

DIO_ GO SAN_ TOS

Estudante do mestrado integrado em Arquitetura, na Faculdade de Arquitetura. Entrevistámo-lo na última semana de aulas, época de avaliações e de entrega de trabalhos. Tem 24 anos e é de Lisboa.

« Além de estudar Arquitetura, sou músico. Fui finalista da 1.ª edição portuguesa do concurso televisivo *Factor X*, há quatro anos. Atualmente, canto em bares, hotéis e casinos. Tenho uma banda, os Big Joe (uma mistura de *soul*, *funk* e *blues*, com um bocadinho de *pop*). O grande dilema da minha vida é conciliar o curso com o trabalho como músico. Arquitetura foi a minha primeira escolha. É um curso que exige muito tempo; o volume e o número de horas de trabalho para produzir alguma coisa são imensos. É a minha sétima matrícula na faculdade num curso de cinco anos. No início, como estava a estudar música, preferi reduzir o número de cadeiras, para poder fazer bem as duas coisas de que mais gosto; foi mais complicado ter boas notas. A minha dissertação de mestrado será sobre Metodologia e Comunicação de Projeto. Explico com um exemplo: quando vamos a um *atelier* para uma entrevista de emprego, temos de mostrar que estamos habilitados a conceber e a comunicar. Pretendo não só investigar as bases metodológicas de projeto, mas também tentar compreender as várias formas de comunicar a arquitetura. Como é um tema denso e teórico, gostaria de continuar a investigá-lo num doutoramento, eventualmente noutro sítio. Nunca estudei fora do país nem de Lisboa. Adoraria ir para os Estados Unidos. »

Estudante do mestrado em Relações Internacionais, no Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas. Tem 30 anos, é de Vila Real, mas vive em Lisboa desde os três anos.

LUÍS FRA_ GA



© Tiago Carvalho



© 2017 José Furtado

JOR_ GE GO_ MES

Estudante do mestrado em Arte Multimédia na Faculdade de Belas-Artes. É o seu quinto curso, e o primeiro na Universidade de Lisboa. Tem 37 anos e é da Guarda. É pai da Rosa, uma menina de nove meses.

« Licenciiei-me em Engenharia do Ambiente, na Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa, e fiz uma pós-graduação em Administração e Políticas Públicas, no ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa. Trabalhei alguns anos em investigação, e fiz parte de uma equipa de estudos no Instituto Regulador de Águas e Resíduos. Desisti da área e fui estudar à noite para a ETIC (Escola de Tecnologias, Inovação e Criação), onde completei o curso de Realização. Fiz também o curso de Fotografia do Ar.Co (Centro de Arte & Comunicação Social) e um *workshop* de teatro com o encenador Ávila Costa. Tenho trabalhado como *freelancer*. Fui ator numa série da RTP que estreou recentemente, *Madre Paula*. Quis fazer um mestrado, e estava indeciso entre Estética e Arte Multimédia, na Faculdade de Belas Artes. Escolhi este por causa de uma professora de lá, também realizadora – Susana Sousa Dias. É um curso muito teórico, e era disso que precisava. Ser pai e fazer o mestrado foram duas decisões que, sem me dar conta, tomei ao mesmo tempo. O primeiro semestre não foi fácil; estava a acabá-lo quando a Rosa nasceu, e tive de faltar várias vezes às aulas. Estou a estudar numa fase muito diferente da minha vida. Dantes, ia a festas e estava integrado em atividades extracurriculares. Hoje, trabalhador e pai, não tenho tempo. »

« O meu percurso não foi linear. Comecei a estudar no Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (ISCSP) com 26 anos. Fiz o 12.º ano em Eletrotecnia e ingressei na Força Aérea com 18 anos. Estou integrado numa esquadra de voo no Montijo, com destacamentos permanentes nos Açores e na Madeira. Já realizei vários tipos de missões, como busca e salvamento, evacuações médicas, vigilância marítima, quer a nível nacional quer internacional, no âmbito das Nações Unidas (Mali) e da União Europeia, nomeadamente para a Agência Frontex [Agência Europeia da Guarda de Fronteiras e Costeira], em Espanha, Itália e Grécia. Estes contactos no terreno suscitaram-me maior interesse para prosseguir os estudos na área das Relações Internacionais. O ISCSP, além de ser a única instituição a oferecer esta licenciatura em regime pós-laboral, foi pioneiro em Portugal a incluir no seu plano de estudos as Relações Internacionais. Após a licenciatura, quis continuar a aprofundar esta área no mestrado. Decidi continuar no ISCSP, especialmente por ter o único mestrado na área que inclui uma cadeira sobre Sociedade e Cultura na Área Islâmica. Devido à minha atividade laboral, compatibilizar tudo nem sempre é fácil. Dividi o primeiro ano letivo do mestrado em dois. Estou agora a concorrer à carreira diplomática; já servi Portugal lá fora no plano militar, e agora gostaria de representar o país nesta vertente. »

DOU TORA MEN TO

Detalhe da antecâmara do salão principal da Cantina Velha da Universidade de Lisboa



© 2017 José Furtado

ANA LOU- RO

Aluna do 4.º ano de doutoramento no Instituto de Geografia e Ordenamento do Território. Tem 30 anos e é de Lisboa.

« Comecei a licenciatura em Geografia em 2009, ainda na Faculdade de Letras. Segui logo para mestrado, já no Instituto de Geografia e Ordenamento do Território (IGOT). Em paralelo, entrei num projeto de investigação como bolsista, o SPOTIA [Orientações de política territorial sustentável e avaliação de impactos – contributos para o caso português]. O projeto esteve na base da candidatura a uma bolsa de doutoramento da FCT, que ganhei no primeiro ano. Acabei o mestrado e entrei logo no doutoramento. Para todos os efeitos, nunca saí da escola. O meu projeto, orientado pelo Prof. Nuno Marques da Costa, consiste em perceber se os planos de mobilidade urbana já consideram – e de que forma o fazem – o conceito de «cidade saudável». Com a bolsa, estive quase dois meses em Paris, a colaborar com instituições de ensino superior e a realizar entrevistas em câmaras municipais. O trabalho de campo da tese está feito. Estou na fase da escrita: o meu objetivo é terminar este ano.

A maioria dos doutorandos quer prosseguir a carreira académica, mas neste momento é impossível entrar nos quadros, e há cada vez menos bolsas. No IGOT, e na minha área, temos o benefício de podermos trabalhar com câmaras municipais ou com a Comissão Europeia, chegando a outros empregadores e criando outras redes.

Talvez seja esse o caminho: procurar opções que relacionem a academia com o mundo real. »

Aluno do 3.º ano de doutoramento em Química Farmacêutica e Terapêutica, no Instituto de Investigação do Medicamento da Faculdade de Farmácia. Tem 27 anos e é de Santarém.

« Entrei no mestrado integrado em Ciências Farmacêuticas em 2008. No 2.º ano, uma professora desafiou-me para a investigação em laboratório. Trabalhei um ano com uma bolsa da Universidade de Lisboa/Fundação Amadeu Dias, na área de Biomateriais. Encontrei na Química o meu interesse principal, e fui convidado pelo meu orientador, o Prof. Rui Moreira, para trabalhar com o grupo de Química Medicinal. Desenhamos os fármacos; estamos na génese da criação de novas moléculas, de potencial interesse terapêutico.

No fim do mestrado, candidatei-me a uma bolsa de doutoramento da FCT, mas foi no ano fatídico da redução do número de bolsas. Ponderei tentar algo lá fora, mas acabei por ficar com uma bolsa no grupo de Toxicologia. No ano seguinte, consegui a bolsa da FCT. Do que gosto no nosso Instituto e na forma como trabalhamos é da colaboração entre os 15 grupos.

No passado, desenhei fármacos para a doença pulmonar obstrutiva crónica. Atualmente, o objetivo é fazer modificações em fármacos já existentes e criar ferramentas de diagnóstico. Colaboro com o Instituto Nacional de Saúde Doutor Ricardo Jorge, a Faculdade de Ciências, e o ITQB – Instituto de Tecnologia Química e Biológica António Xavier.

O melhor que me aconteceu foi receber uma bolsa Fulbright para o Scripps Research Institute, na Califórnia, durante nove meses. Terei finalmente uma experiência internacional. »



© 2017 José Furtado

LUÍS CAR- VALHO



© 2017 José Furtado

FRAN- CISCO HENRI- QUES

Aluno do 3.º ano do PIUDHist – Programa Interuniversitário de Doutoramento em História: mudança e continuidade num mundo global, que resulta de uma parceria entre o Instituto de Ciências Sociais e a Faculdade de Letras da ULisboa, o ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa, a Universidade Católica Portuguesa, e a Universidade de Évora. Tem 30 anos e é de Lisboa.

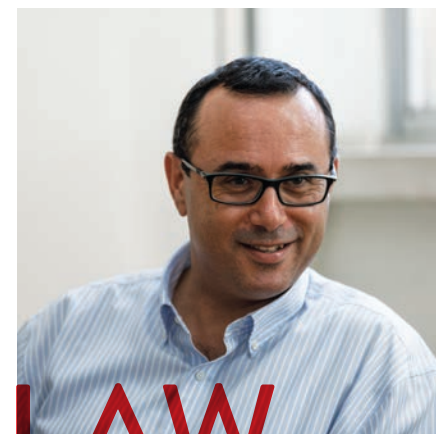
« Entrei em História na Faculdade de Letras na mesma altura da Ana [Louro]. No 3.º ano, fiz Erasmus na Universidade de Cantábria, em Espanha. Acabei por ficar quatro anos, a trabalhar e a estudar, e terminei lá a licenciatura. Em 2011, fui para o Observatório do Mar dos Açores [OMA], uma associação de biólogos marinhos na ilha do Faial. Trabalhei um ano e meio no Núcleo de Património e de Arqueologia Industrial, com sede na Fábrica da Baleia de Porto Pim. Criei um projeto de mestrado sobre a indústria baleeira. Soube do PIUDHist através de um professor de cá que conheci em Espanha. Ganhei uma das quatro bolsas disponíveis. Num programa interuniversitário, não ficamos cingidos à tradição disciplinar de cada instituição. Estive um mês em Santiago de Compostela, no Departamento de História Económica e Empresarial, e na Universidade de Hull, em Inglaterra, num grupo de investigação em História Marítima. Estou a fazer um estudo de caso sobre a indústria portuguesa das conservas de peixe durante o século xx, no período do Estado Novo. Se tiver de seguir por outras áreas, o património e a museologia são opções viáveis. Iniciei um projeto de história oral sobre a indústria baleeira, com cerca de 70 entrevistas de todas as ilhas dos Açores, e quero retomá-lo. »

Aluna de doutoramento da Faculdade de Psicologia. Tem 36 anos e é de Lisboa.

JOA- _NA ANJOS



© Duarte Pinheiro



© 2017 José Furtado

LAW- RENCE SCIBER- RAS

Aluno do 2.º ano do doutoramento em Estudos de Desenvolvimento, no Instituto Superior de Economia e Gestão. Tem 46 anos e é de Malta.

« Vim para Lisboa em 2008, com a minha mulher e as nossas duas filhas, trabalhar na European Maritime Safety Agency (EMSA). Trabalho a tempo inteiro, mas sempre quis fazer o doutoramento, e pensei que devia fazê-lo agora, antes que fosse tarde. É uma vantagem ser em regime pós-laboral e as aulas serem lecionadas em inglês. O doutoramento está alinhado com o que faço na EMSA. Nos últimos 20 anos representei o governo de Malta, e agora a EMSA, na IMO – International Maritime Organization, em Londres, uma agência especializada das Nações Unidas, responsável pela segurança do transporte marítimo e prevenção da poluição marítima. Em 2015, a Agenda 2030 de Desenvolvimento Sustentável e os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) entraram em vigor, e quis perceber o que a IMO estava a fazer para implementar estes ODS na área do transporte marítimo. O curso ajudou-me a perceber que linha seguir, e enveredei pela perspetiva estratégica e de governança. Entrevistei os 47 representantes dos estados-membros na IMO e percebi que estou a ajudá-los a compreender a importância da governança para os mecanismos e as estratégias a implementar para um desenvolvimento sustentável. Através deles, contribuí para a alteração da declaração de visão da IMO no plano estratégico da Agenda 2030, que está a ser repensada este ano. É entusiasmante ver que o que aprendemos está a ser aplicado. »

« Fiz o secundário no Externato de Penafirme, vim estudar Psicologia, e voltei ao Externato para um estágio de um ano. No final do estágio vim para o INEM [Instituto Nacional de Emergência Médica], onde na altura não havia psicólogos. Eu, a Sónia Cunha, da Faculdade de Psicologia da Universidade do Porto, e a Sara Rosado da Faculdade de Psicologia da Universidade de Coimbra criámos o Centro de Apoio Psicológico de Intervenção em Crise. Tudo começou com o Euro 2004: integrámos as equipas de emergência que acompanhavam os jogos de futebol. Era uma área nova. Procurámos experiências de colegas noutros países. Percebemos que é uma área em que Portugal é pioneiro: não existem muitos sistemas de emergência médica com psicólogos a intervir no primeiro momento. Fomos dos primeiros a ter psicólogos em situações de rotina, e não só de catástrofe. Em todos os contextos há a necessidade de intervir em crise: casos de morte de crianças, ou de suicídio, por exemplo. A intervenção em crise é exigente do ponto de vista emocional, mas muito gratificante. Neste doutoramento, orientado pela Prof.ª Maria Teresa Ribeiro, estou a estudar o processo de adaptação das famílias após a situação traumática. Da lacuna de formação nesta área surgiu a pós-graduação de especialização em Psicologia e Intervenção em Crise e Emergência, na Faculdade de Psicologia. »

Aluna de doutoramento em Bioquímica, na Faculdade de Ciências. Tem 25 anos e é do Entroncamento.

MARI
_SA
MAIA



© Duarte Pinheiro

ERAS
MUS

« Sempre gostei muito de Biologia, de Química e de Matemática. Descobri Bioquímica na Faculdade de Ciências, um curso com uma grande componente prática, o que é benéfico para quem quer fazer investigação. Durante a licenciatura, tive uma bolsa da Universidade de Lisboa/Fundação Amadeu Dias. Sinto-me em casa na Faculdade de Ciências. Agora sou doutoranda, com uma bolsa da FCT. O meu projeto de doutoramento é uma continuação do projeto de mestrado, que consistia em encontrar biomarcadores que permitam distinguir videiras resistentes e suscetíveis a um fungo – o míldio. Pretendemos aumentar o número de espécies analisadas e fazer testes de biomarcadores em videiras criadas por programas de *breeding*. A minha orientadora é a Marta Sousa Silva, do Centro de Química e Bioquímica, e a minha coorientadora é a Andreia Figueiredo, do BiolSI [Instituto de Biosistemas e Ciências Integrativas]. Recentemente, estive dois meses em Geilweilerhof, Siebeldingen, na Alemanha, no seguimento de uma colaboração com o Julius Kühn-Institut. E acabei de receber uma STSM [Short-Term Scientific Mission] das Cost Actions. Espero que, daqui a uns anos, se vier a fazer pós-doutoramento, a situação dos investigadores tenha melhorado. Qualquer progresso em ciência, por mais pequeno, tem por trás anos de investigação. Há pessoas que trabalham a vida inteira para publicar um artigo na *Nature*. »

© Serviços de Ação Social da Universidade de Lisboa

Detalhe do salão principal da Cantina Velha da Universidade de Lisboa

Fez Erasmus durante um ano na Faculdade de Arquitetura, e frequenta o mestrado na Universidade Técnica de Munique, na Alemanha. Tem 27 anos.

« Na minha universidade os alunos de Arquitetura têm de estudar um ano no estrangeiro. Portugal é reconhecido pelos bons arquitetos e pensei que seria uma boa formação para mim. Os meus arquitetos portugueses preferidos são o Siza – claro! – e o Aires Mateus. No 1.º semestre fiz mais disciplinas; era inverno, foi o ideal para me dedicar ao estudo. Também frequentei as piscinas do Estádio Universitário. No semestre de verão explorei Portugal: fui ao Algarve, ao Alentejo e ao Porto. Tive um grande professor, o Prof. Miguel Baptista-Bastos. Na Alemanha, é tudo mais técnico e estamos sob muita pressão; aqui foi mais aberto e criativo. Fiz dois cursos de português para estrangeiros na Faculdade de Letras. Sempre me interessei pela língua portuguesa. »

Lisboa tem o tamanho ideal. Ao fim de seis meses, dizemos «olá» às pessoas do sítio onde vivemos, mas também temos a experiência de uma cidade maior. Fiquei completamente apaixonada pela cidade. Se alguém me oferecesse um bom trabalho aqui, aceitaria de imediato! »

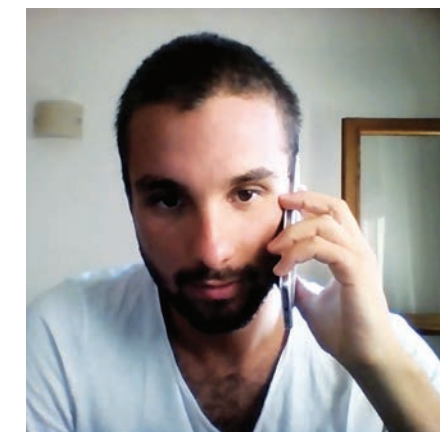


© 2017 José Furtado

REGINA
PÖTZINGER

Aluno de Erasmus do Instituto Superior de Economia e Gestão no segundo semestre de 2016/2017. Completou recentemente o 1.º ciclo da licenciatura em Ciências Estatísticas, na Universidade de Pádua. Tem 21 anos e é de Trieste.

« Fui aliciado por colegas de Pádua que estudaram aqui e me falaram bem da Universidade. Gostei muito de Lisboa e visitei o Norte do país, o Alentejo e os Açores. Estudo Ciências Estatísticas, direcionado para as matemáticas; no Instituto Superior de Economia e Gestão (ISEG), fiz disciplinas mais ligadas à Economia. Gostei de estudar coisas novas, mas preferia que o curso tivesse uma componente matemática maior. As aulas eram em inglês, foi um dos aspetos positivos. Ter jogado futebol com a equipa do ISEG ajudou-me a aprender português, ouvindo-os falar. Treínávamos no Estádio Universitário, três vezes por semana. Viver num país estrangeiro foi enriquecedor. Conheci uma cultura diferente, relacionei-me com pessoas de outros países, descobri uma cidade e senti-a quase minha. Quero voltar, seja como estudante, trabalhador ou turista. Deixei Lisboa com muitos contactos de colegas e amigos, com os quais sinto que poderei contar. »



© Ullisboa

NICOLAS
BIANCO



Ana Bacalhau
é cantora.

E ASSIM SUCESSIVA- MENTE

Para Ana Bacalhau, a Faculdade de Letras foi crucial no seu percurso pessoal e profissional. Pedro Cabrita Reis frequentou a então Escola Superior de Belas-Artes e defende a abolição das escolas de artes. Pedro Gil Ferreira licenciou-se no Instituto Superior Técnico, e seguiu o conselho que dá aos seus alunos em Oxford: mudar de instituição é um ganho. Teodora Cardoso declara que a licenciatura em Economia no Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras – atual ISEG – foi uma escolha pensada como entrada na vida profissional.

© 2017 José Furtado

ANA BACALHAU

«A MINHA VIDA ESTÁ E ESTARÁ SEMPRE LIGADA À FLUL.»

ULISBOA Como foi entrar na Faculdade de Letras [FLUL], onde se licenciou em Línguas e Literaturas Modernas – Português e Inglês?

ANA BACALHAU Foi uma altura marcante, das mais felizes da minha vida. Entrei em 1996. Não conhecia ninguém, e o mundo do ensino superior era um pouco assustador. Ainda para mais, tratando-se da Faculdade de Letras e da Universidade de Lisboa, instituições de enorme respeito. Foi a minha primeira opção.

ULISBOA Porquê este curso?

ANA BACALHAU Desde a primária que queria ser professora de Português e Inglês. Quando entrei na FLUL tinha um plano secreto, que nem aos meus pais revelava: fazer música. Já cantava e levava a guitarra para a Faculdade – era a rapariga do Bar Novo. No 1.º ano, um dos trabalhos de Inglês foi a apresentação de um livro, e fiz uma canção. No 4.º ano, com o Prof. Jonathan Weightman, fizemos um mini *cabaret* sobre a 2.ª Guerra Mundial. Sentia-me muito realizada no curso porque conseguia juntar as minhas duas paixões: a literatura e a música. Alguns professores fazem parte da minha formação como ser humano e mantenho muitas amizades dessa altura. A minha vida está e estará sempre ligada à FLUL: sou letruda até morrer!

ULISBOA Teve atividades extracurriculares?

ANA BACALHAU Fui uma aluna participativa. Durante dois anos tive um programa de música no Núcleo de Rádio, com a minha amiga Paula, às sextas-feiras de manhã. Na Associação de Estudantes, inaugurei o Núcleo de Solidariedade, também com a Paula. Fui a todas as manifestações.

No meu ano aumentaram muito as propinas, e era difícil aceder a subsídios. Participei em todas as greves e estive envolvida em algumas atividades de luta.

ULISBOA O que aconteceu quando terminou o curso?

ANA BACALHAU Já não queria ser professora, os concursos e as deslocações não me iam permitir fazer música, mas também não era possível viver só dela. Trabalhei nos SMAS [Serviços Municipalizados de Água e Saneamento] de Oeiras e Amadora como assistente administrativa. Surgiu depois a pós-graduação em Ciências Documentais, na Universidade Autónoma de Lisboa. A pós-graduação foi uma escolha racional; a licenciatura foi uma escolha de paixão. Trabalhei na Secretaria-Geral do Ministério das Finanças, como Técnica Superior de Arquivo, durante três anos. Saí em 2009, quando já estava com os Deolinda e tinha mais concertos do que dias de férias. A decisão estava tomada! [Risos]

ULISBOA Como surgiu a colaboração com a *Notícias Magazine*?

ANA BACALHAU Convidaram-me em 2011, na época do «Parva que Sou», e penso que o interesse se deveu ao impacto da canção. Aceitei de imediato. Muito antes de fazer música, já escrevia. Com este convite retomei a expressão escrita, que me formou e me ajudou a compreender o mundo. A música fez isso a seguir, mas a escrita foi o primeiro veículo de expressão.

ULISBOA Alguma vez publicou ou pensou em publicar o que já tinha escrito?

ANA BACALHAU Nunca publiquei. Como estudei literatura, sou implacável com o que escrevo. As minhas expetativas

e exigências são maiores do que as de qualquer outra pessoa; tanto o livro como o palco são coisas sagradas para mim.

ULISBOA Como vê um curso de Humanidades hoje, e o que diria a um aluno que queira estudar Letras?

ANA BACALHAU Diria isto a um estudante de Letras ou de qualquer outra área: o objetivo de um curso superior não é um emprego, é dar-nos ferramentas para nos encontrarmos no mundo, para pensarmos de forma correta dentro de cada área, e para nos movimentarmos livremente. O propósito primeiro do ensino superior é formar cidadãos autónomos, com ideias próprias. Aos estudantes de Letras, diria que as Ciências Humanas e, neste caso, a Literatura e a Linguística, são muito importantes, porque o discurso é o pensamento – pensamos através do discurso. É importante que se conheça o olhar dos outros, mas, à medida que o curso avança, se ganhe um olhar próprio e se produza conhecimento novo. Só depois disso é que se pensa no emprego.

ULISBOA De que modo a Faculdade influenciou o seu percurso?

ANA BACALHAU Influenciou muito! Passei lá longas horas a cantar e a tocar. A minha primeira banda – Lupanar – só existe por causa da Faculdade, onde conheci os membros fundadores, o Gonçalo Tocha e o Dídio Pestana. E estudei interpretação de texto: como intérprete de canções, preciso de saber ler o texto para fazer as melhores escolhas musicais. Aprendi o respeito pela intenção autoral, a procurar os caminhos que o autor aponta e a perceber os que não são válidos para interpretação. É uma ajuda inestimável até hoje. •

PEDRO GIL FERREIRA

«DEVE-SE MUDAR. FICANDO NO MESMO LUGAR NÃO SE PROGRIDE TANTO COMO INDO PARA INSTITUIÇÕES DIFERENTES.»

Pedro Gil Ferreira
é Professor de Astrofísica
na Universidade de Oxford.

© Gisa Wesszkalnys

ULISBOA Como chegou ao Técnico e como foi o seu percurso até lá?

PEDRO GIL FERREIRA Andei em muitas escolas durante a juventude. Os meus pais eram académicos, na área da Fisiologia, e vivemos em Inglaterra quando era criança. Voltámos a Portugal e fui para uma escola inglesa, mas ainda passei pela escola portuguesa. Andei na Escola Secundária de Carcavelos e fiz o 12.º ano na Escola Secundária da Cidade Universitária. Queria ir para Física, e o principal curso em Lisboa era na Faculdade de Ciências, mas em 1986 o Técnico tinha acabado de abrir Engenharia Física Tecnológica.

ULISBOA O interesse pela Física começou no secundário?

PEDRO GIL FERREIRA Era bom aluno e achava a Física e a Matemática fáceis, mas não estava particularmente virado para as Ciências. Nos últimos anos do secundário, estudei Música no Conservatório, e essa era a minha prioridade. Andei lá três ou quatro anos, fui aluno de composição do Fernando Lopes Graça, de quem fui amigo durante anos. Mas percebi que tinha mais jeito para a Física do que para a Música.

ULISBOA O que recorda do Técnico?

PEDRO GIL FERREIRA Houve duas coisas que me marcaram. A primeira é que foi o primeiro ano do curso, e havia uma certa ideia dos professores de que éramos «especiais». A haver relação com o Técnico, era alguma vergonha de andar lá.

ULISBOA Porquê?

PEDRO GIL FERREIRA Porque não queríamos ser engenheiros, queríamos ser físicos teóricos. Parte apreciável das pessoas com quem me dava não estava interessada em Engenharia Aplicada, mas em ciência fundamental. Outra coisa que me marcou foi o Departamento de Matemática. Apesar de estar em Física, os meus laços mais fortes eram com os matemáticos. Havia um conjunto de pessoas, como o Luís Magalhães, que queria reformular o curso, tinha uma visão internacionalista e incentivava-nos a fazer doutoramentos fora.

ULISBOA No início do seu livro *Uma Teoria Perfeita*, diz que teve de estudar por si a teoria da relatividade de Einstein, por não fazer parte do programa.

PEDRO GIL FERREIRA A relatividade geral é das teorias em que é preciso saber mais Matemática. Houve pessoas no Técnico que me puxaram para lá, uma delas o António Brotas, uma figura clássica. Foi militante antifascista nos anos 60, teve de fugir do país e acabou por fazer um Doutoramento de Estado em Paris, com o [Louis] de Broglie. Quando voltou, o modo como nos dava as cadeiras – Eletromagnetismo, por exemplo – era completamente diferente. Não era um pedagogo brilhante, mas foi provavelmente quem primeiro me falou de relatividade geral e me disse para ler Einstein.

ULISBOA Como começou o seu período no estrangeiro?

PEDRO GIL FERREIRA Na altura, os professores do Departamento de Matemática tinham todos feito doutoramento na América; era mais comum ir para lá do que para a Europa. Concorri para vários sítios nos Estados Unidos e fui para Austin, no Texas, onde havia um núcleo de Física muito forte. Após uma semana, percebi que não ia passar lá seis anos. Tinha concorrido também para Londres, aceitaram-me e fui para o Imperial College, onde me doutorei. Antes disso, passei nove meses em Austin. Em 1995, fui para Berkeley, na Califórnia. Em 1999 estive no CERN [European Organization for Nuclear Research], em Genebra, e em 2000 vim para Oxford. Mas houve um percalço interessante. Quando estava a acabar o contrato em Berkeley, abriu uma vaga no Departamento de Física do Técnico. Concorri e entrei como professor auxiliar. Disse-lhes que não queria perder a oportunidade de ir para o CERN e que daria as aulas necessárias para poder passar pelo menos um ano lá. Entre outubro e dezembro de 1998, trabalhei no Técnico. Esses meses foram importantes. Por um lado, adoro Lisboa; por outro, percebi que não me ia encaixar no sistema português.

ULISBOA O que o fez perceber que não se ia adaptar?

PEDRO GIL FERREIRA O sistema português não é fluido. Entra-se como professor auxiliar e só se vai para professor associado se abrir uma vaga: para isso, alguém tem de sair ou passar a catedrático. Aqui, contratam uma pessoa de dois em dois anos, as pessoas são promovidas por mérito. Ao fim de oito anos passei a professor catedrático. Conheço professores em Portugal que se reformaram como professores auxiliares. Além do mais, o sistema português é um sistema muito hierárquico, em que os catedráticos têm todo o poder.

ULISBOA Tem tido condições de trabalho em Oxford que talvez não tivesse aqui?

PEDRO GIL FERREIRA Em termos profissionais, tenho tido uma vida de sonho, com muito financiamento e alunos fantásticos. Tenho um grupo com cerca de 15 a 20 pessoas, e há poucos lugares onde isso é possível.

ULISBOA Se um dos seus filhos lhe dissesse que queria vir estudar para Portugal, o que responderia?

PEDRO GIL FERREIRA «Vai!» Aliás, o mais velho está de férias em Portugal, e adora. Insiste em falar português comigo.

ULISBOA Pensa voltar?

PEDRO GIL FERREIRA Não estou a ver como. Teria de ter condições parecidas com as que tenho aqui. Se me perguntassem há dez anos, diria: «Nunca!» Agora digo: «Não.» Há pessoas muito boas aí com quem poderia e teria prazer em trabalhar.

ULISBOA A um jovem que esteja a tirar o curso no Técnico e queira progredir diria para sair ou para ficar?

PEDRO GIL FERREIRA Só posso falar da minha área, mas acho que aí se consegue trabalhar e fazer excelentes doutoramentos. Há pessoas muito boas e respeitadas internacionalmente, o que ajuda a ir para fora. A única razão que daria para sair é a mesma que dou aos meus alunos daqui: deve-se mudar. Ficando no mesmo lugar da licenciatura ao doutoramento não se progride tanto como indo para instituições diferentes. •

Teodora Cardoso é presidente do Conselho das Finanças Públicas.

TEODORA CARDOSO

«COMECEI A INTERESSAR-ME POR ECONOMIA QUANDO OS PROBLEMAS SE MANIFESTARAM E TIVEMOS DE OS RESOLVER.»

© Tiago Carvalho

ULISBOA Como foi a sua licenciatura no Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras – atual ISEG?

TEODORA CARDOSO Há uma grande diferença entre o que era uma licenciatura nesse tempo e o que é hoje, embora o número de alunos já estivesse a crescer significativamente, também no que diz respeito às mulheres. O ensino era muito mais formal, mais escolástico. Os professores tinham as suas sebatas, que duravam

anos seguidos. Devo dizer que não fui uma grande entusiasta do ensino universitário – fui para Económicas por defeito. No 5.º ano do liceu, atual 9.º, tinha de se escolher, e eu não conseguia escolher entre Letras e Ciências. A única linha que as juntava era Económicas. Fui para lá sem fazer a mínima ideia do que íamos aprender! *[Risos]* Estive também vários anos no Instituto Britânico. Nessa altura, em Económicas, a maioria dos professores não dominava o inglês – a língua dominante era o francês.

Havia uma utilidade prática, mas continuei a estudar inglês porque gostava.

ULISBOA Em simultâneo com a licenciatura?

TEODORA CARDOSO Sim. Mais tarde frequentei também o Instituto Alemão, mas tive de parar, porque a atividade profissional não o permitia. Tirando a Matemática e a Estatística, onde tive bons professores, a Economia não me entusiasmou particularmente. *[Risos]* Embora fosse a formação que dava acesso à vida profissional – foi uma das razões por que fui para Economia.

Nunca iria para Letras, porque a sequência de um curso desses era o ensino, e eu não tinha vontade nenhuma de ser professora. Em finais dos anos 60 estive num centro de investigação da Gulbenkian – o Centro de Economia e Finanças –, onde trabalhei na área da Econometria e da Estatística. Ainda fui assistente em Económicas, em Estatística e Investigação Operacional.

ULISBOA Não pensou em continuar a ensinar?

TEODORA CARDOSO Não quis, nem era possível. Até 1974, a vida no Banco de Portugal era muito pacata. *[Risos]* Dar aulas era uma maneira de fazer coisas interessantes, mas que em nada se relacionavam com o trabalho. Depois, as coisas mudaram radicalmente. Foi quando comecei a interessar-me por Economia – quando os problemas se manifestaram e tivemos de os resolver. Não tinha nada a ver com aquilo que tinha aprendido na universidade. A universidade dá as bases, os conhecimentos necessários e os fundamentos genéricos. Aplicá-los aos problemas imediatos implicou estudar tudo de novo. Aprendi Economia no Banco de Portugal, não na universidade.

ULISBOA Foi um desafio aprender trabalhando diretamente com os problemas.

TEODORA CARDOSO Foi um trabalho extremamente desafiante. O Banco de Portugal tinha uma vida santa: tínhamos uma balança de pagamentos excedentária, não porque a economia fosse pujante, mas porque tínhamos remessas muito fortes de emigrantes, e uma economia internacional em crescimento. Tínhamos entrado na EFTA [European Free Trade Association – Associação Europeia de Comércio Livre], o que trouxe muito investimento estrangeiro. Os salários eram baixos, o que fez com que as empresas dos países mais desenvolvidos, onde os salários já eram altos, viessem para aqui. E as taxas de juro e de câmbio não se alteravam durante anos, no mundo inteiro. De repente, mudou tudo. Internamente, por causa da Revolu-

ção; a nível internacional, porque fizemos a Revolução no meio de uma crise que pôs termo a essas práticas. Nós, que até aí vivíamos sob a ideia do «orgulhosamente sós» de Salazar, passámos a ter de estar acompanhados, em negociações constantes com bancos e instituições internacionais. A fase a seguir ao 25 de Abril foi muito interessante, motivadora e exigente.

ULISBOA Com que desafios se depara hoje um jovem que estuda Economia?

TEODORA CARDOSO A Economia invadiu quase tudo: é necessária nas empresas, na vida familiar, no Estado. O contexto internacional é cada vez mais complexo, está tudo mais interligado. A capacidade de um aluno quando acaba um curso é mais desenvolvida do que na minha época; será a faculdade de perceber o que se passa e de aplicar a teoria à prática que vai determinar o seu caminho. O argumento de autoridade, pelo menos em Economia, não funciona. Keynes e Adam Smith disseram coisas muito acertadas, e hoje em dia há muitos economistas que têm muitos modelos e teses; mas não chega: temos de perceber se a teoria se aplica ao problema que queremos resolver.

ULISBOA Enquanto presidente do Conselho das Finanças Públicas, como vê o financiamento das universidades públicas em Portugal?

TEODORA CARDOSO O problema do financiamento das universidades é complicado, porque optámos pelo financiamento público da educação; no caso do ensino superior, é discutível. Por um lado, deve dar-se igualdade de oportunidades a toda a gente; por outro, é uma relativa minoria que frequenta o ensino superior, e se este é financiado pela despesa pública, significa que é pago por toda a gente, e que aqueles que menos beneficiam vão ter de pagar para uma relativa minoria. Há também o argumento contrário: o de que essa minoria, na sua atividade, contribuirá para o desenvolvimento do país, o que beneficiará todos. Acho que o investimento público nas áreas da educação e da saúde foi uma

boa opção. O problema foi que criámos a ideia de que, se o financiamento é público, não há limites. Levámos isto longe de mais, e não foram as universidades as principais culpadas, foi a gestão pública em geral. Os países com um sistema mais próximo do que quisemos criar – um financiamento público expandido nos sectores sociais – têm taxas de tributação muito altas, mas têm uma gestão pública extremamente cuidadosa e transparente. É preciso ver onde é que o Estado gasta e exigir que haja informação sobre isso. As universidades precisam de ter mais capacidade de decidir como é que gastam o dinheiro, mas devem também dar contas daquilo que fazem.

ULISBOA Tem de se começar por algum lado...

TEODORA CARDOSO Há duas maneiras básicas e complementares. Uma é dar mais autonomia, mas também ter um sistema de informação de gestão que permita saber o que se faz com o dinheiro. Agora andamos a discutir o sistema de contabilidade [SNC-AP – Sistema de Normalização Contabilística para Administrações Públicas]. São coisas que parecem menores, mas é uma das bases: qualquer empresa, por pequena que seja, precisa de ter contabilidade. O Estado precisa de ter um sistema contabilístico – e, depois, uma responsabilização...

ULISBOA *Accountability*.

TEODORA CARDOSO Exatamente. A única *accountability* que os serviços públicos têm de garantir é uma dotação orçamental; o modo como gastam o dinheiro não é muito relevante. O sistema, entretanto, ganhou uma dimensão que não tinha, a dimensão das questões a resolver é maior, e as práticas ainda não estão adaptadas aos problemas e até à capacidade de gerar a informação necessária e de a gerir depois. Para planear o Orçamento de Estado e as despesas, precisamos de uma panorâmica geral, e essa nunca existiu. Os serviços públicos precisam de um tipo de informação de que nunca precisaram no passado. •

PEDRO CABRITA REIS

«NÃO SE VAI PARA A ESCOLA DE BELAS-ARTES PARA SE APRENDER A PINTAR. VAI-SE PARA CRESCER, FORMAR A PERSONALIDADE, ABRIR HORIZONTES, TRANSFORMAR O PENSAMENTO.»

Pedro Cabrita Reis
é artista plástico.

© 2017 Jesse Furado

ULISBOA Estudou na então Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa de 1973 a 1983. Como viveu esses anos?

PEDRO CABRITA REIS O curso tinha oficialmente cinco anos. Estendi-o por dez porque houve muitas coisas que se meteram pelo meio: trabalho, atividade política, vida pessoal. Entro na Escola e dá-se o 25 de Abril. Num período em que o país sofreu uma transformação profunda, era mais importante ir para a rua. A Escola era bastante conservadora, um sítio parado, sem grandes perturbações de índole estética, política, criativa, cultural. A maioria dos professores fazia o que tinha de fazer, não eram nem bons artistas, nem grandes pensadores. Nas Belas-Artes é mais importante a relação que os alunos têm entre si, as experiências e os debates que têm em conjunto, do que a relação com a docência. A docência, se for iluminada e tiver a noção exata da sua importância, cria apenas as condições para que os alunos possam interrogar-se, trocar opiniões e buscar por sua conta respostas possíveis ao que lhes interessa. O erro é mais importante numa escola de criação artística do que em escolas de outro pendor.

ULISBOA Sente que aprendeu mais com os outros estudantes do que com os professores?

PEDRO CABRITA REIS A aprendizagem, especialmente nestas áreas de ensino, assenta numa base emocional. Só aprendemos as coisas de que gostamos, com quem gostamos. Temos de ter afinidade com a pessoa que nos «passa» o conhecimento. Tive fortíssimas afinidades com professores que tinham um perfil diferente do da maioria, uma posição crítica em relação ao sistema, uma forma mais estimulante de se relacionarem com os alunos. Se aprendi mais com os alunos? Aprende-se sempre mais numa malha construída numa relação afetiva.

ULISBOA Quando estava a tirar o curso criou a revista *Arte/Opinião*.

PEDRO CABRITA REIS Por volta de 1977/1978. Era uma revista que, por proposta minha, foi criada a partir, e com o financiamento, da Associação de Estudantes. Era exclusivamente feita por estudantes para estudantes. Havia a participação de artistas mais velhos, historiadores, críticos, filósofos, bolseiros de investigação, alguns em Paris, em Londres. Relendo-a hoje, tem um misto agradável de ingenuidade e aventura, uma predisposição para estar à margem; ao mesmo tempo, uma ambição de ser um objeto sério teoricamente.

ULISBOA Porque escolheu a Escola de Belas-Artes de Lisboa?

PEDRO CABRITA REIS Estava em Lisboa e sempre vivi em Lisboa, não me ocorreu ir estudar para outro lado. As pessoas iam para a Escola porque queriam estar umas com as outras. Hoje, as novas gerações queixam-se de que a Escola não ensina a pintar, o que me deixa com uma perplexidade extraordinária. Claro que a Escola não ensina a pintar! Imagino que possam ir para o Técnico para aprender a fazer pontes, mas sei que não se vai para a Escola de Belas-Artes para se aprender a pintar. Vai-se para crescer, formar a personalidade, abrir horizontes, transformar o pensamento. Não é uma oficina. Poderão, nas aulas de História de Arte, de Estética, de Filosofia – que não há, infelizmente, mas deveria – absorver um campo de conhecimento que os ajuda a amparar o que será mais tarde o seu pensamento criador. Nunca é necessário fazer um curso de Belas-Artes para se ser artista. Aliás, é aconselhável que não se faça. Mantenho isso a ferro e fogo. Participei numa conferência na Polónia em que fiz a defesa do encerramento das escolas de Belas-Artes. Em alternativa, proponho a criação de um sistema parecido com as academias do século XIX, em cruzamento com o sistema de créditos: ter umas aulas de Filosofia, História, Ginástica, Matemática, passar por uma academia de Pintura. Mas, para quê? Não é preciso ter um diploma de artista

para poder pintar. Posso simplesmente dedicar-me a pintar no meu *atelier*, fazendo exposições e trabalhando com pessoas.

ULISBOA Quando foi para a Escola, já queria ser artista, ou já era artista, mas ainda não teria desenvolvido a ideia de que não se ia aprender a ser artista na Escola.

PEDRO CABRITA REIS Claro, é uma coisa que veio mais tarde, da experiência. Desde muito jovem que pinte e fiz desenhos. Nunca se pôs qualquer dúvida acerca do que ia fazer. Tive da parte da família, ao contrário do que é normal, uma grande recetividade e apoio. Na maior parte dos casos, muitas famílias perguntavam: «Então e porque é que não vais para arquiteto? Talvez possas ganhar algum dinheiro.» Lá em casa essa pergunta nunca se pôs. Disse-ram-me: «Queres ir para pintura? Vai.»

ULISBOA Um artista pode não precisar de ir para Belas-Artes, mas tem de saber História de Arte. Está de acordo?

PEDRO CABRITA REIS Para se ser artista, não é preciso saber nada, basta ser-se artista. O conhecimento de uma série de disciplinas colaterais, que fazem parte da paisagem em torno de se ser artista, ajuda e é importante. Ajuda saber tudo o que aconteceu para não incorrer nos mesmos erros. [*Risos*] Hoje, com a internet, com todas as formas, não de aprendizagem e de conhecimento, mas de informação, há um acesso mais diverso e amplo, não necessariamente melhor. Está tudo à disposição, mas falta a construção de critérios de seleção e escolha. Neste caso, as escolas de Belas-Artes voltariam a ter importância, por permitirem um encontro entre pessoas que levaria ao debate.

ULISBOA Deu aulas?

PEDRO CABRITA REIS Quase logo a seguir a sair de Belas-Artes, dei aulas no liceu até 1987, para ganhar dinheiro. Adorava dar aulas, pelos miúdos! Gosto da ideia de docência, não tenho a certeza de gostar da ideia de escola.

ULISBOA Tem curiosidade pelo trabalho das pessoas que estão agora a sair de Belas-Artes?



«Só aprendemos as coisas de que gostamos, com quem gostamos. Temos de ter afinidade com a pessoa que nos “passa” o conhecimento.»

PEDRO CABRITA REIS Tive muita curiosidade quando, durante dez anos, comprei trabalhos e fiz uma coleção. Vendi-a à Fundação EDP e é hoje o núcleo central do MAAT [Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia]. Nos últimos anos tenho visitado mais os anteriores do que verificado os contemporâneos. É um processo evolutivo. Não tenho o que se chamaria uma curiosidade cultural – não vou ver exposições, não vou a lançamentos de livros, não vou a concertos. Essa peregrinação cultural não faz parte do meu modo de estar na vida. Vejo coisas por acaso.

ULISBOA É organizador da exposição «Jorge Pinheiro: D’Après Fibonacci e as Coisas Lá Fora», patente na Fundação Serralves desde 15 de setembro.

PEDRO CABRITA REIS Organizei-a com o Jorge Pinheiro. Deu-me muito gosto. Ele tem uma obra incontornável.

Faz parte de uma geração relativamente esquecida, e é preciso demonstrar publicamente que há um processo contínuo: não há desaparecimentos, nem mortes, nem nascimentos por acaso. É preciso que os jovens percebam que os artistas, lá porque não estão na moda, nos média, não deixam de ser artistas, de continuar a criar, e de ser importantes. Por isso me propus organizar esta exposição. Não há nada que se faça hoje que não tenha começado em algum outro sítio antes. É preciso que essa noção de continuidade esteja presente. O que legitima o processo de conhecimento são a persistência da história e as ruturas nessa persistência, o saber que as coisas estão todas enganchadas umas nas outras e que nesse fluxo há momentos de rutura que reanalisam e recolocam as coisas noutra patamar, não acima ou abaixo. Não há hie-

rarquias. Não há maus artistas: há pessoas que são artistas, e há uma quantidade muito grande de pessoas que são praticantes das Belas-Artes. Há uma diferença profunda entre uma coisa e outra. Não há maus artistas: só há artistas.

ULISBOA Considerando o que disse acerca da continuidade, onde é que se coloca?

PEDRO CABRITA REIS Sou um clássico. Não quero ser moderno e muito menos contemporâneo, porque toda a arte é contemporânea. Não há evolução histórica em arte. O Caravaggio não é mais ou menos velho do que o Picasso, nem o Picasso do que a Paula Rego. Os sociólogos dizem que não se pode interpretar uma obra de arte sem o contexto. Se fosse verdade, não saberíamos justificar o facto de nos emocionarmos com uma pintura feita há 400 anos. •